



Figura 17- Mapa de integração do SBS. Gerado a partir dos conceitos da sintaxe espacial o mapa mostra a intensidade de fluxos de pedestres no SBS. As linhas vermelhas e laranjadas que passam pela frente e laterais do Sede I e da Praça do Cebolão indicam as conexões e as maiores intensidades de fluxo de pessoas na área. Fonte: JWL (2011).

## Lugar, valor social e apropriações

A valoração de um sítio urbano, patrimonial ou não, além dos seus aspectos configuracionais e físicos, deve identificar e levar em consideração todos os aspectos do significado cultural, simbólico e natural. Os sítios têm significado cultural e refletem a diversidade das nossas comunidades, dizendo-nos quem somos e qual foi o passado que nos formou, assim como se formou a paisagem. (Carta de Burra, 1999).

O ambiente urbano é a sua forma física, suas relações sociais e sua história. Lugares podem ser personificações de idéias e ideais, tendo caráter, identidade e espírito, e sua espacialidade se configura *locus* do processo de interação. Diversos significados são associados aos lugares pelos indivíduos e partilhados pelas comunidades. Isto é a essência do valor social. Valor social entendido, então, como significados especiais anexados aos locais por grupos de pessoas e não só por indivíduos, e a forma como estes valores podem ser considerados num processo de avaliação do lugar, (Johnston, 1994).

Nas práticas urbanísticas correntes, a análise e avaliação dos lugares muitas vezes são parciais, nem sempre refletindo a amplitude e a profundidade dos interesses presentes e os significados incorporados, reflexos de políticas, processos históricos e culturais. Por outro lado, tem sido bastante desenvolvida, nas reflexões urbanísticas, geográficas e antropológicas, a idéia de "lugar", integrando nesse conceito os significados decorrentes da interação entre as

pessoas e o espaço. O conceito mostra como o apego ao lugar pode se desenvolver dentro do indivíduo e dentro de uma comunidade. Como o lugar tem um valor social porque proporciona o ambiente dentro do qual – e com o qual - uma prática cultural (ou uma função) pode ocorrer. Compartilhar da tradição de uma atividade contribui para sua continuidade e ajuda a moldar a cultura do lugar. Mas a tradição e a identidade não são estáticas: a interrelação das esferas espaciais, ambientais e humanas, que tornam um espaço um lugar são dinâmicas e se transformam com a dinâmica social e histórica da cidade. (Reis-Alves, 2007). A idéia de lugares com limites demarcados e identidades únicas, construídas através de relações profundas e históricas, não se adapta à realidade. A identidade dos lugares é mais bem explicada no plural, pois lugares possuem diversas identidades e estão repletos de relações com a estrutura mais ampla da cidade, (Ferreira, 2009).

Alguns locais podem ter uma ou mais comunidades de interesses - grupos de pessoas que o valorizam e dão a ele um significado especial. Isto é o que vem acontecendo no SBS. Além de ser um centro de interesse econômico, de decisões político-sociais (instituições nacionais de fomento à agricultura, habitação, desenvolvimento social) ele é um lugar de serviços diversos, de variadas práticas sociais e de interação de vários grupos de interesse. Atividades diferentes do uso hegemônico apontado para o setor se desenvolvem francamente.

De início, as atividades “complementares” ao uso dominante de serviços financeiros no SBS não se desenvolveram conforme previstas. A grande extensão de “marquise” para abrigar o pedestre e provê-lo de serviços não foi levada à frente, o que não impediu que esses serviços, de uma forma ou de outra – porque necessários – ali com o tempo comparecessem. Diversos quiosques foram se instalando, improvisados, mas queridos pela população ativa do setor. O comércio informal, com lanches, frutas, balas, conveniências, comparece no setor há mais de 15 anos (*Figura 18*), atendendo principalmente às pessoas que trabalham nos serviços gerais das instituições ali presentes; e ele está fisicamente voltado para a praça frontal ao primeiro edifício sede do Banco do Brasil em Brasília – o Edifício Sede I.



*Figura18 – Quiosques e tendas no SBS. Fotos: JWL (2008).*

São cada vez mais tradicionais na cidade as atividades culturais desenvolvidas na ponta sul do SBS, no conhecido Bar do Calaf, (*Figura 19*). No início, em 1990, o Calaf era um bar, considerado o oásis no SBS. Aos poucos, o espaço foi-se ampliando até tornar-se, além de bar, um restaurante de tradição. No campo musical, o Bar do Calaf é conhecido por divulgar a música brasileira e suas raízes. Os clássicos do chorinho e do samba de raiz fazem, nas noites da semana e às tardes de sábado, a vida urbana do SBS. A Revista *Veja Brasília*, em sua edição especial 2009/2010 sobre os melhores lugares da Capital Federal para se divertir, premia Bar do Calaf como o melhor lugar para paquerar e o melhor lugar para dançar.



*Figura 19 – SBS - Cultura e diversão no tradicional Bar do Calaf. (fotos: Google).*

Como em toda área urbana de fluxo e movimento significativo, o churrasquinho de final de tarde também comparece no SBS, e seus usuários deitaram raízes no lugar, (*Figura 20*). O movimento é diário e os usuários do serviço se comunicam pela internet, (<http://churrasquinhodobigode.blogspot.com>), sobre os assuntos que se desenvolvem ao sabor do espetinho e da cerveja, nas mesas improvisadas sob a marquise da saída da Galeria dos Estados. O uso da área após o tradicional horário de expediente começa a se desenvolver e se consolidar, indiferente de ser ali *o setor bancário*.



*Figura 20 – Atividades noturnas no SBS – Churrasquinho. Fonte: Google.*

Outro movimento que, nas últimas décadas, tem impregnado o espaço do SBS de sentido e de atividades é o de mobilização dos trabalhadores bancários e de serviços correlatos. Desde a fundação do SBS, o movimento no local é significativo e perpassa todos os momentos de sua história. Nas décadas de 1960 a 1980, as reduzidas instalações físicas do Sindicato dos Bancários, distantes da base espacial dos trabalhadores, levaram as

manifestações coletivas e de mobilização social da categoria para a área em frente ao Sede I, *Figura 21*, pelo espaço propício à reunião e manifestação ali existente.



*Figura 21 – Manifestações trabalhistas no SBS. Fonte: Site do sindicato dos Bancários de Brasília.*

O fato de essas atividades tomarem as dimensões que tomaram reforça a idéia de que a arquitetura e o urbanismo não comandam a vontade social, mas a organização espacial das cidades pode funcionar como uma variável independente: os padrões espaciais não determinaram as atitudes coletivas, mas determinaram os lugares onde elas podem se expressar, (Holanda, 2002).

A memória de grande parte das manifestações trabalhistas de Brasília dos últimos cinquenta anos passa pelo espaço urbano do SBS. Desde os primeiros movimentos de resistência à Ditadura Militar de 1964, até o processo de redemocratização do País, o espaço está impregnado de identidade e sentido de resistência e participação popular. É tão forte essa identidade que a imprensa e parte da cidade conhecem a praça frontal ao Sede I como a *Praça do Cebolão* (nome dado pelo movimento sindical à praça, referenciando um jornal trabalhista denominado *Cebolão*, que simbolizou junto à comunidade bancária a resistência à Ditadura e a mobilização para a redemocratização do País).



*Figura 22 - Praça do Cebolão – identidade, memória e endereço no SBS. Fontes: Google.*

Por extensão à conotação político-social construída ao longo do tempo pelo movimento sindical bancário, pela sua configuração espacial favorável, pelo fácil acesso (inserção do Setor em área sintaticamente integrada), pela sua visibilidade e por abrigar instituições nacionalmente simbólicas como o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

(IPEA), o espaço do SBS tem também abrigado os mais diversos tipos de manifestações coletivas públicas, locais e nacionais (Figura 23). *Marcha contra privatizações*, campanhas por melhores condições de trabalho, campanhas políticas públicas, e outras, reforçam o seu *valor social*, no sentido que é dado ao termo por Johnston, 1994.



Figura 23 - Praça do Cebolão - manifestações políticas de caráter nacional. Fonte: Sindicato Bancários de Brasília.

Devido a sua configuração espacial, com grande plataforma pavimentada plana, e obstáculos eventuais para manobras, o SBS foi descoberto, nos anos 1990, por uma comunidade urbana bem específica: os *skatistas*, amadores e profissionais, que vêm de todas as cidades do DF, Figura 24. O conflito inicial gerado com os administradores dos edifícios do setor foi parcialmente superado, havendo hoje uma convivência relativamente pacífica, permanecendo um afluxo diário de praticantes à área. A comunidade de skatistas configura uma chamada *tribo urbana*. Tribo urbana aqui identificada como grupos que se constituem em redes de afinidades e de interesse, laços de vizinhança que estruturam as grandes cidades. Na linha das *táticas* - expressão da vontade histórica de existir - de Michel Certeau, Maffesoli argumenta que “seja ele (*o grupo, a tribo*) qual for, o que está em jogo é a *potência* contra o poder, mesmo que aquela não possa avançar senão mascarada, para não ser esmagada por este”, (Maffesoli, 1998). Por meio da tribo urbana dos skatistas o lugar adquire novas dimensões, lúdicas e simbólicas, uma nova sociabilidade visível na dinâmica cotidiana. Essa prática dá um colorido especial ao setor de serviços bancários, normalmente formais e austeros em qualquer cidade. E trazem para ali certa efervescência, ativando a vida do setor nos finais de tarde e, particularmente, nos finais de semana, onde os serviços normalmente não funcionam na área.



Figura 24 – Skatistas do SBS – colorido especial no setor. Fotos: JWL.

### Edifícios do SBS e os valores urbanos

Alguns edifícios construídos na origem de Brasília configuram e simbolizam, no espaço do SBS, uma forma como a arquitetura pode contribuir para potencializar a urbanidade do lugar. O setor possui vários edifícios de definida expressão da arquitetura modernista brasileira para escritórios, construídos ao longo dos anos de 1960. São exemplos dessa arquitetura, o edifício hoje ocupado pelo Banco Regional de Brasília (BRB), de autoria de MM Roberto, o edifício do BNDS de autoria de Alcides da Rocha Miranda, Elvin Dubugras e Fernando Cabral Pinto (*Figura 25*); e, principalmente, pelo seu conjunto de valores, o Edifício Sede I do Banco do Brasil (BB), de Ary Garcia Roza. Esses edifícios se apresentam, pelas suas relações dentro/fora e transparência/ opacidade, de forma integradora em relação ao contexto urbano, dialogando com os espaços públicos externos do setor.



Figura 25- Edifícios do SBS: BNDS, BRB, Caixa e Edif. Casa de São Paulo. Fonte: Google.

A potencialidade de uso e de integração urbana da área daí decorrente é tão flagrante que não demorou a se consolidar a tradição de seu uso. Como vimos, foi o movimento dos trabalhadores bancários quem primeiro se apropriou dessa área, desenvolvendo na *Praça do Cebolão* muitas de suas atividades políticas, sociais e culturais. A área extensiva ao edifício, por sua composição arquitetônica, por seus atributos simbólicos (sede nacional do BB), por sua história, termina por se configurar como um espaço de uso intenso, de memória e de identidade dos movimentos sociais de Brasília.

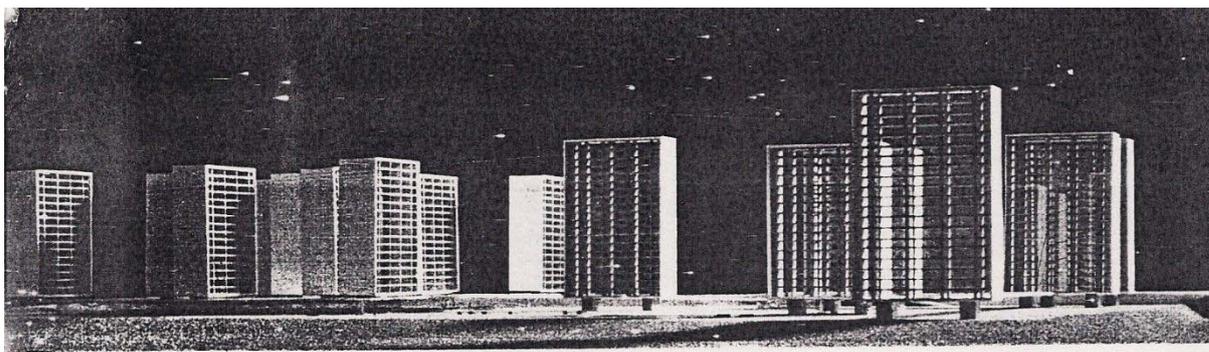


Figura 26 – maquete do SBS de Niemeyer, com o Sede I no centro. Fonte *Modulo nº 13, 1959, p.40.*

Por sua topologia conformadora do espaço local, pelo seu porte e sua disposição, os edifícios citados (BRB, BNDS, BB) contribuem para a visibilidade do lugar e a *orientabilidade*<sup>35</sup> do transeunte, caminhante ou motorizado. A escala e a força visual sóbria desses edifícios auxiliam na integração e configuração do espaço. E o seu pioneirismo, a ‘visão de mundo’ subjacente de seus projetos consolidam o seu valor artístico e histórico e concretizam o conceito de escala gregária do projeto de Lucio Costa, contribuindo para a constituição originária da idéia de centralidade de Brasília.

### Os significados do SBS

A urbanidade se manifesta de forma desigual nos espaços de Brasília. Ela é significativa na área de habitação do Plano Piloto. Mas, não acontece na mesma intensidade em alguns setores da área central. A setorização funcional que permeia o ideário do projeto de Brasília, a pressa e o esquematismo na implantação do Plano Piloto acirraram a fragmentação urbana da cidade, com descontinuidades e incompletudes. A área central e particularmente o SBS sofreram desse mal. Não obstante, a qualidade de certos espaços e edifícios, a perspectiva de completude física das áreas a edificar e, principalmente, a ação da população, à sua maneira, em suas práticas cotidianas, engendram respostas de superação que tecem fragmentos de urbanidade que apontam para um futuro urbano menos árido.

O cruzamento dos conceitos de *urbanidade*, *centralidade* e *lugar* instrumentalizou a análise do desempenho simultaneamente sintático e semântico do Setor Bancário Sul.

As análises realizadas levaram ao entendimento de que, embora havendo descontinuidades espaciais externas e internas, o SBS sinaliza pequenas “fissuras urbanas”,

---

<sup>35</sup> A *orientabilidade* é a capacidade de os lugares (edifícios, praças, equipamentos urbanos) oferecerem aos indivíduos a possibilidade de se moverem neles e para fora deles com a finalidade consciente. “O deslocamento na cidade com objetivo definido pressupõe a presença marcante de toda uma série de elementos no interior dos espaços públicos que possam ser vinculados pelos seus habitantes e visitas em um sistema de orientação: escolher, não se perder e poder chegar, pelo próprio deslocamento, aonde se quer”. (Kohlsdorf, 1996, p. 207).

(Castelo, 2008), com uso e caráter diferenciado do seu esquema hegemônico. Aponta para uma ampliação de possibilidades de uso do espaço como lugar de encontro e de interações sociais, onde se realizam as diversas potencialidades humanas de vida em sociedade. Se não perturbam a ordem estabelecida, tencionam as estratégias de preservação e matizam a urbanidade local, potencializando o desenvolvimento do setor de forma mais orgânica (socioespacial, não apenas figurativa), oferecendo ao cidadão que por ali trabalha ou transita uma possibilidade de vida urbana mais democrática. Um lugar onde a nova centralidade funcional se reconcilie com o sentido histórico-social das práticas de centralidade.

A consolidação e aprofundamento dessa diversidade de apropriação, com fixação organizada de algumas atividades e consolidação do setor com todas as edificações, pode contribuir para a definição do caráter de centralidade do lugar e constituí-lo em um bom exemplo de superação de dificuldades sintáticas da configuração urbana de um setor da Capital.

Nesse contexto, quais os valores que o Sede I compartilha (oferece e toma) com o SBS? Em que medida o edifício contribui para a consolidação de seu entorno no SBS e quais os sentidos ele ali adquire?

Para alinhar respostas a essas questões entendemos como útil a análise de variados aspectos da trajetória do edifício na história de Brasília e da arquitetura brasileira. Iniciamos, no item a seguir, pela caracterização de traços do ideário e do histórico profissional do autor do projeto – o arquiteto Ary Garcia Roza – e, posteriormente, com o detalhamento sobre o surgimento do projeto e da obra, além de breve histórico do edifício com seus precedentes e opções projetuais. O entendimento dessas características históricas – pessoais e projetuais – e a verificação de seu rebatimento no projeto e na obra auxiliarão na análise mais detalhada do edifício, o que será efetuada no Capítulo 3.

## 2.3 Ary Garcia Roza, arquiteto modernista<sup>36</sup>

O arquiteto Marcio Cotrim Cunha, em artigo sobre os irmãos Cascaldi, aponta o relativo ostracismo em que ficaram personagens ativos e significativos da arquitetura moderna brasileira, principalmente devido ao ofuscamento provocado pelo brilho desproporcional atribuído a algumas figuras eminentes que atuaram junto a eles entre os anos de 1930 e 1980.

“Podemos dar por certo que a arquitetura moderna brasileira teve papel fundamental na invenção e formulação da história do nosso país. No entanto durante essa empreitada a historiografia arquitetônica acabou por cometer algumas injustiças e contribuir para a mitificação de alguns personagens, deixando outros importantes de lado, quando não esquecidos.(...) Entre protagonistas e esquecidos situam-se o engenheiro Rubens e o arquiteto Carlos Cascaldi, que se tornaram conhecidos sobretudo pela relação profissional com Vilanova Artigas. (Cotrim Cunha, 2005, s/p.)

Contemporâneos dos melhores momentos profissionais de seu grupo de amigos como Niemeyer, Reidy, os irmãos Marcelo e Milton Roberto os projetos elaborados por Ary Garcia Roza foram sistematicamente desconsiderados pela historiografia arquitetônica em nosso país, seja pelo protagonismo de seus pares, seja também pela personalidade avessa a exposição e badalação do arquiteto: “Eu não tenho vocação para vedete”, afirmava Roza, com uma ponta de ironia e tristeza. (Roza, 1989). Não obstante, ele manteve-se sempre ligado aos arquitetos mais significativos de sua geração, seja por afinidade de idéias e concepções arquitetônicas, seja por relações de amizade ou de trabalho. (Lopes e outros, 1998).

Não se tratando de um “arquiteto artista”, uma unanimidade consensual, o propósito da abordagem breve da trajetória e da produção de Garcia Roza aqui desenvolvida é colocar a discussão em torno do sentido do projetar e do sentido de fazer história da arquitetura. Em que medida a arquitetura de qualidade só é feita por unanimidades? Em que medida temos a responsabilidade de também revelar valores de uma produção destinada ao uso do dia a dia, não escultural ou palaciana, na formação de nossa cultura arquitetônica? Trata-se da discussão colocada por Miguel Pereira, no prefácio do livro *Arquitetura Moderna Brasileira*, de Sylvia Ficher e Marlene Acayaba:

Isso nos levaria afinal ao debate do impasse teórico da arquitetura brasileira, onde ainda paira intocável o mito da criatividade do arquiteto brasileiro como parâmetro maior de referência e julgamento de toda nossa arquitetura. A partir daí, a idéia do grande homem,

---

36 Termo que Garcia Roza detestava, segundo Ivo Penna - preferia ser caracterizado como “arquiteto contemporâneo” (Penna, 2012). Ivo de Azevedo Penna, enteado de Garcia Roza, foi o braço direito do arquiteto no desenvolvimento do projeto e da obra do Sede I. Considerado *arquiteto colaborador* (está lá, em todas as pranchas originais do projeto de arquitetura) morou durante todo tempo da obra no alojamento do Banco e acompanhou todo o desenvolvimento do projeto, das plantas básicas ao detalhamento do mobiliário. O arquiteto nos concedeu entrevista, gravada em áudio, em sua residência, em Petrópolis, no dia 9.05.2012.